

QUANDO AS FLORES SÃO CÁLIDAS: ATRAVESSAMENTOS DO SER FEMININO EM DINA SALÚSTIO

WHEN THE FLOWERS ARE WARM: CROSSINGS OF THE FEMININE BEING IN DINA SALÚSTIO

Eliana Kiara Viana Torres (IFMA/UFC)¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a representação feminina por meio das personagens femininas, inseridas na sociedade cabo-verdiana, presentes em sete contos da obra *Mornas eras as noites*, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. A temática do abandono infantil é discutida em dois dos contos selecionados. Nessa esfera, os contributos teóricos para análise foram de GOMES (2012), SILVA (2021), ADICHIE (2015), BOURDIEU (2012). Em todas as histórias analisadas, a narração em primeira pessoa por uma voz feminina como relato de experiências vividas aproxima o leitor dessas experiências, nesse sentido, buscou-se os aportes teóricos sobre o narrador em (BENJAMIN, 1994). Acrescenta-se a análise às contribuições teóricas sobre o gênero conto em CORTAZAR (2006) e BOSI (2001). Com este artigo, buscou-se realizar um recorte dos retratos femininos na literatura de Dina Salústio na tentativa de suscitar discussões sobre realidades tão presentes na vida das mulheres de Cabo Verde e que reverberam nas existências femininas por todo o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura cabo-verdiana; Dina Salústio; Representação feminina.

ABSTRACT: This article aims to analyze female representation through female characters, inserted in Cape Verdean society, present in seven short stories from the work *Warm were the Nights*, by Cape Verdean writer Dina Salústio. The theme of child abandonment is discussed in two of the selected short stories. In this sphere, the theoretical contributions to the analysis were GOMES (2012), SILVA (2021), ADICHIE (2015), BOURDIEU (2012). In all the analyzed stories, the first-person narration by a female voice as a report of lived experiences brings the reader closer to these experiences, in this sense, we sought theoretical contributions about the narrator in (BENJAMIN, 1994). Added to this analysis is the theoretical contributions on the short story genre in CORTAZAR (2006) and BOSI (2001). With this article, an attempt was made to make a selection of female portraits in the literature of Dina Salústio in an attempt to raise discussions about realities that are so present in the lives of women in Cape Verde and that reverberate in female existences around the world.

KEYWORDS: Cape Verdean literature. Dina Salústio. Female representation.

INTRODUÇÃO

“-Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com ele. Enfrenta-o como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso”
(Dina Salústio)

Bernadina Oliveira é escritora e poetisa cabo-verdiana, nascida na Ilha de Santo Antão, em 1941. Com o pseudônimo de Dina Salústio, publica, em 1994, *Mornas eram as noites*, livro

¹ Doutoranda em Literatura Comparada (UFC). Docente do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Membro dos Grupos de Estudos de Literatura, Tradução e suas Teorias (GELTTE) UFC/CNPq, do Grupo Langage & Cartharsis (IFMA), e do Grupo de Estudos Literários e Imagéticos GELITI (UEMASUL). <http://kiara.viana@ifma.edu.br> <http://lattes.cnpq.br/9201069521494194>

de contos e sua primeira obra. *A louca do Serrano* (1998) é considerada o primeiro romance de Cabo Verde, de autoria feminina, é seu primeiro romance. Dina é também autora de *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009), *Filhos de Deus* (2018) e *Veromar* (2019).

Nos 35 contos que compõem *Mornas eram as noites*, a escritora nos presenteia com ambientes repletos de histórias com diversos tipos femininos. As mulheres de Dina são de diferentes classes sociais, são as que passam por adversidades econômicas ou não, as jovens, as idosas, as que sofrem violência física e psicológica, as que sabem se defender, as que ensinam outras a se defenderem. É esse vasto painel composto de tipos femininos e suas complexidades que tece a literatura dessa escritora.

Dina Salústio oferece-nos uma escrita de autoria e representação feminina sobre a qual nos esclarece Dalcastagnè (2010, p. 42), as questões de representação sempre foram cruciais nos estudos literários, mas que na contemporaneidade ganham maior importância, pois adquiriram consciência de suas reverberações políticas e sociais. Para Dalcastagnè, um dos sentidos de representar é poder falar em nome do outro, que se faz como um ato político, que pode ser legítimo, mas também autoritário. Outro feito existente é a identificação com o outro, como leitor, em situações que viveu um dia, ou que não espera viver, reconhecer-se, ter empatia. Dalcastagnè assegura: “reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas”. (DALCASTAGNÈ, 2010, p. 42).

É com o reconhecimento de identidades femininas, suas variedades, que *Mornas eram as noites* nos faz questionar, pela força da escrita de Dina, o lugar dessas mulheres na sociedade cabo-verdiana, numa cultura que ainda não as acolhem e não as colocam em espaços de pertencimentos.

1 OS ARREDORES DO CONTO: *FLAHS* DE FICÇÃO

O conto, na visão de Júlio Cortázar, é um gênero de difícil definição, uma vez que é sinuoso em seus múltiplos e antagônicos aspectos, um irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário, cheio de segredos e voltado para si mesmo. O contista argentino argumenta, por defender o conto como um gênero pouco classificável, que não há leis na construção desse texto, pode-se falar apenas de pontos de vista, e da presença de elementos constantes na estrutura do conto. Cortázar ainda acrescenta que esse gênero se estabelece por meio de uma batalha, constituída entre o plano do homem onde a vida e a expressão escrita

dessa vida combatem entre si. O que resulta dessa batalha é o conto, uma vida sintetizada com ardor. (CORTAZAR, 2006, p. 149-150).

Segundo Alfredo Bosi, o conto, de sua maneira, cumpre as funções da ficção contemporânea. No mesmo sentido do que preconizou Cortázar, Bosi destaca a plasticidade do conto, por não se encaixar em um quadro fixo de gênero. A narrativa breve desloca o escritor a uma luta mais intensa com as técnicas de invenção do literário. Para Bosi, ao assumir formas de variedades, o conto pode se manifestar como quase crônica da vida urbana, quase drama do cotidiano burguês, quase documento folclórico, quase poema. (BOSI, 2001, p. 7).

A literatura de Dina Salústio composta por seus 35 contos em *Mornas eram as noites* nos oferece narrativas curtas que captam instantes da existência de mulheres com quem a escritora cruza pela vida, como confirma Dina na entrevista dada a Simone Caputo, ao falar sobre o livro o qual diz ter surgido da “necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim [...]. Não são ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só” (SALÚSTIO apud GOMES, 2012, p. 266). Um momento registrado com sua intensidade e profundidade, capaz de suscitar realidades postas no cotidiano das mulheres cabo-verdianas e de mais, provocar os leitores, chamá-los a conhecer tais realidades com as especificidades de um conto, com o limite de um quadro da realidade exposto, como uma fotografia que com a brevidade com o que a câmera pode enquadrar nos oferece a potencialidade de um instante captado. Dina incorpora em seus contos o que Cortázar define para o contista comparando-o com o fotógrafo,

Recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido pela câmara. (...) o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos. (CORTAZAR, 2006, p. 151).

O momento apreendido com escritas da existência feminina é especialidade dessa escritora de Cabo Verde, que faz como diz Bosi: “o contista é um pescador de momentos singulares, cheios de significação” (BOSI, 2001, p. 9). São momentos que reverberam significação que temos nos contos salustianos. São situações nas quais se concentram a força da narrativa, e são capazes de nos atravessar. Com concisão e síntese nas palavras, no contar, nos deparamos nessa obra com enredamentos que a vida contemporânea impele às mulheres. É assim que Dina Salústio oferece sua mão e olhar de mulher para outras mulheres. Ao ler seus contos, ficamos com a imagem ressonante que nos fala Cortázar, “um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência” (CORTAZAR, 2006, p. 151).

2 MORNAS HISTÓRIAS DE NOITES INSULARES

Composto por 35 contos, a primeira obra da escritora cabo-verdiana Dina Salústio, *Mornas eram as noites* busca retratos femininos enquadrados na cultura de seu país, mas que se estendem ao universo feminino como um todo, pois pintam em situações cotidianas mulheres que lutam por suas existências, por terem suas vozes ouvidas. E a autora conhecendo tão bem esse mundo feminino resgata essas vivências e suas ingremidades. Na construção desse caminho, a escritora afirma

Gosto de ser também uma voz pra ser ouvida, porque normalmente nós não somos ouvidas, normalmente há um silêncio atroz à nossa volta, porque há coisas mais ruidosas, mais confortáveis, mais bonitas para se tratar. E as dores é aquilo que faz mover a sociedade. Porque as dores fazem mover a sociedade. Não é só a sociedade, as dores fazem. Porque quem está a trabalhar, normalmente, na minha sociedade, no meu grupo, são as mulheres é que estão a trabalhar. São elas que de sol a sol trabalham, alimentam os filhos, são abandonadas, são esquecidas. (...) Hoje, menos do que ontem, mas continuam sendo em grande parte mulheres esquecidas, mulheres invisíveis. (...) e as dores delas, a mim me movem muito, porque sei lá, podia ser minha mãe, podia ser a minha vó, minha tia, podia ser eu! (SALÚSTIO apud SILVA, 2021, p. 189).

O título da obra evoca a música, a morna, modalidade musical própria do país da escritora. A música com sua melodia, sua linguagem acessível, próxima da oralidade que poeticamente canta temas das mulheres cabo-verdianas. Assim, “Mornas (músicas) eram as noites”, é a pintura na qual a mulher está no seu centro, é música cujo feminino é o tema, o canto é delas, e Dina busca cantá-las com todas as suas nuances, suas alegrias e tristezas. Assumindo duas vozes, as mulheres dos contos falam, em sua maioria, em primeira pessoa, tomam a voz para si, dizem de si mesmas, descortinando suas identidades e contextos, como aponta Silva (2021) “Em *Mornas eram as noites*, as narrativas se dispõem de contextos muito diferentes, mas ao mesmo tempo, tão próximos, como se fosse melodias que afinam e desafinam no cotidiano.” (SILVA, 2021, p. 192).

O gênero musical referido no título é representativo da identidade de Cabo-Verde. Acrescido a ele, a escritora, no preâmbulo da obra, diz sobre as mulheres cabo-verdianas “...De como elas se entregam aos dias”, para manifestar da pertença dessas mornas noites ao mesmo tempo que o dia é impregnado no percurso dessas mulheres. O dia que marca o cotidiano representado pelas adversidades constantes, pelas dores, pelo sofrimento, pelas paixões, pelos enfrentamentos encarados no dia a dia, pela entrega a tudo que a vida destina a cada uma delas. Essa entrega aos dias pede coragem e força até que a noite chegue e como música suavize um pouco a vida.

2.1 RETRATOS FEMININOS DE FACES PERDIDAS

Os contos de *Mornas eram as noites* carregam temáticas diversas que prescram o contexto feminino: a liberdade, o machismo, os estereótipos femininos, das questões da maternidade, das crianças abandonadas, da violência e outros temas. As histórias tratadas aqui carregam pontos convergentes em: “Liberdade adiada” e “A oportunidade do grito” (da liberdade e do grito feminino); “Mãe não é mulher” e “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” (do estereótipo da mãe e da maternidade precoce); “Foram as dores que o mataram” (violência de gênero); “Natal” e “Ele queria tão pouco” (das crianças abandonadas). Devido a impossibilidade de abordar os tinta e cinco contos neste artigo, optamos por fazer um recorte que nos permitirá adentrar na literatura salustiana e seus dizeres.

No conto “Liberdade adiada” que dá início a coletânea, a narradora conta sua trajetória de vida, por meio de um cotidiano pesado, imensamente exaustivo no qual ela se sente esgotada. A pobreza, as dificuldades da vida enfrentadas sozinha explicitam a condição dessa mulher e de tantas outras que, muitas vezes, é tão imperativa que não têm o direito a outras realidades, que ficam apenas no plano do sonho, “sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima.” (SALÚSTIO, 2002, p. 5). Com o desejo no peito de alcançar a liberdade de uma vida tão dura e não enxergar possibilidades, a mãe, a trabalhadora mulher busca no gesto de odiar os filhos, mesmo que momentaneamente, a força para desistir da existência: “o barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final” (SALÚSTIO, 2002, p. 5). Mas é a lembrança do amor de mãe diante da iminente entrega à morte que a resgata, contudo, adia sua liberdade, “à borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora!” (SALÚSTIO, 2002, p. 6). Dina Salústio, aqui, retrata as mulheres que no cotidiano de um trabalho árduo de carregar água na cabeça, ainda são chefes de família, são mães, carregando não só a lata com água na cabeça, mas todas as agruras que o acúmulo desses papéis lhes impõe.

Três mulheres em “A oportunidade do grito” mostram a descoberta, por meio de uma conversa, e que o confronto com as diferentes posturas femininas, podem desencadear transformações. É do confronto com a outra que emerge a consciência da força feminina. Elsa e a mulher vencedora dialogam sobre os enfrentamentos femininos, enquanto a narradora ouve e observa a lição dada de como agir, pela personagem vencedora, diante dos desgostos e tristezas da vida. Surge daí a imensa necessidade de demonstrar força inerente à condição de

mulher, contornando essa força com batalhas improváveis, com confrontos desafiadores: “- Pedes a Deus? Idiota! Tens é que discutir com ele. Enfrenta-o como mulher. Mostra-lhe as tuas razões. Grita se for preciso” (SALÚSTIO, 2002, p. 8). “Grita se for preciso”, essa mulher pode gritar, descobrir-se e fazer-se forte pois a vida parece exigir dela a condição de força e destemor diante das vicissitudes. Daí nasce a conclusão da narradora: “De repente eu percebi que ela era uma mulher vencedora porque enfrentava com garra todas as situações, mesmo que a situação se chamasse Deus. Encostei-me a mim mesma gozando o prazer da descoberta”. (SALÚSTIO, 2002, p. 8). A descoberta que lhe é reveladora lhe faz mais forte.

Em “Mãe não é mulher”, há o reforço do estereótipo materno construído na sociedade, preconizado pela cultura patriarcal. A figura de Nossa Senhora, a mãe de Jesus, é invocada para cristalizar a visão de separação entre a figura da mãe e da mulher. A “mãe” que ao existir não permite espaço para a “mulher” na educação dos filhos, ou seja, deixa-se engolir pelo papel dedicado aos filhos nesse percurso de sua existência. Recusando sua feminilidade, a mulher aceita a ideia da incompatibilidade de ser mulher e mãe ao mesmo tempo, imagem tão bem representada na figura de Nossa Senhora, que sem viver a sexualidade concebeu Jesus. Gomes (2012) assim comenta sobre o conto,

Dina Salústio dinamita (...) a máxima patriarcal da assexualidade das mães, que propugna que elas devem servir à procriação e ao prazer apenas dos maridos (em tom jocoso, Fernando Pessoa -Alberto Caeiro já expressara a opinião de que a virgem Maria não era mulher, mas uma mala, porque não havia amado para que Jesus nascesse). Nas sociedades fascistas, especialmente, a superposição mulher -mãe -virgem tem sido frequentemente reforçada como um dos mecanismos de repressão do feminino. (GOMES, 2012, p. 277).

A história “Mãe não é mulher” é contada por uma voz feminina que relata a relação de um amigo e sua mãe, essa percorre alguns caminhos. Primeiro, centrada na fala da mãe ao filho quando jovem, “bofetada de mulher na cara de rapaz impedia a barba de crescer” (SALÚSTIO, 2002, p. 33). A verdade “inquestionável” dita pela mãe para justificar seus atos “educativos” com o filho encontra na figura de Jesus razão para existir e não se questionar. “Se Jesus aceitara a bofetada, ele que era filho de Deus, naturalíssimo era que eu, pelo mesmo pecado, recebesse o mesmo castigo e o aceitasse, com humildade igual.” (SALÚSTIO, 2002, p. 34). Segundo o medo fabricado é destituído pela própria mãe que “(...) e depois de contemplar pela milésima vez o rosto barbudo de Jesus, numa imagem que a minha mãe foi desencantar, não sei onde, a paz foi refeita”. (SALÚSTIO, 2002, p. 34). Terceiro, ao se comparar a mãe de Jesus, a mãe do protagonista prover todas as “verdades” e a principal delas, é fortemente internalizada pelo filho “Se Jesus dizia que mãe podia bater na cara, mulheres é que não, então não havia motivo para

preocupações” (SALÚSTIO, 2002, p. 34). E por fim, o antagonismo de ser mãe e mulher é reverberado pela sociedade nas gerações seguintes, como comprova a narradora: “Ao contar-vos esta história, lembro-me de uma vez que um dos meus filhos, ainda adolescente e confuso, me perguntou: Mãe, se tu fosses mulher, tu gostavas de mim?” (SALÚSTIO, 2002, p. 34). Dina questiona a que ponto também nós mulheres contribuímos com essa “verdade” para nossos filhos e reforçamos os estereótipos do patriarcado.

O tema da maternidade também é invocado em “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, mas agora pelo prisma da maternidade precoce. A jovem adolescente que será mãe sozinha, que carregará as responsabilidades da criação de um outro ser desacompanhadas dos amparos e preparos necessários para receber uma criança. A escritora cabo-verdiana apresenta uma realidade, infelizmente, presente em Cabo Verde e em tantos países com acentuadas desigualdades sociais: a gravidez na adolescência. A mudança forçada e solitária que fazem tantas meninas abandonarem seus sonhos. Como é declarado no conto:

Em setembro fará calor. Para setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor de rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme (SALÚSTIO, 2002, p. 35).

Dina Salústio, em entrevista concedida a Simone Caputo Gomes, afirma que “em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher” (GOMES, 2012, p. 266). A escritora parece estar aqui falando sobre uma espécie de condição destinada às meninas/mulheres de Cabo Verde que comportam cicatrizes sociais tão inevitáveis e que são levantadas em sua literatura; como a própria gravidez precoce, a pobreza, a violência de gênero, a prostituição, o alcoolismo e muitas outras.

A violência de gênero é evidenciada pela mulher que apanhava constantemente do marido em “Foram as dores que o mataram”. Aprisionada em um lar violento, sem afeto, marcado por sofrimento e pancadas, dores físicas e psicológicas que definem, segundo a própria protagonista, a tragédia inevitável “Não matei o meu marido. (...) Ele matou -se. (...) Deu -me armas e fez -me assassina” (SALÚSTIO, 2002, p. 17-18).

Dina Salústio busca retratar situações de violência contra a mulher, como marcadores de exclusão e entrave à sua emancipação feminina. Neste conto, essa violência é descrita pelo olhar não do algoz, mas daquela que se afirma como vítima. Assim, abre a possibilidade que essa violência seja questionada pela personagem que a sofreu e desencadeou-a como resultado dessas dores insuportáveis. No início do conto, é chamado a atenção do leitor para a ausência de datas dos acontecimentos, a fim de destacar que essa violência, infelizmente, se estende às

mulheres em Cabo Verde e tantos outros lugares, “não importa o dia. Nem importa mesmo o ano em que se conheceram. Aconteceu. E houve um momento em que se amaram” (SALÚSTIO, 2002, p. 17). Em dizer que havia amor, a história nos dá um retrato das relações domésticas permeadas, inicialmente, de afetos e que culminam em espaços de violência.

Bourdieu (2012), em sua obra *A dominação masculina*, discute as relações de dominação inscritas na sociedade, dentre algumas que o francês aborda, está a relação de dominação que é marcada pela natureza biológica, que é ela própria uma construção social naturalizada. Bourdieu (2012) afirma que as estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante, e por isso, histórico, de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado (BOURDIEU, 2012, p. 46). Dissertando sobre a violência contra às mulheres, Bourdieu (2012), assevera que por meio da violência simbólica, o homem, muitas vezes, exerce sua dominação sobre a mulher. Essa violência é compartilhada entre dominador e dominado, de forma inconsciente. Para o escritor, a violência simbólica é um ato sutil que oculta relações de poder que observamos na relação entre os gêneros, mas não só neles (BOURDIEU, 2012, p. 50). Para ratificar a dominação masculina, Bourdieu (2012) explica que a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que reforça essa dominação sobre a qual se alicerça. Nesse sentido, ele aponta a divisão social do trabalho sobre a qual esclarece “distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (...)” (BOURDIEU, 2012, p. 18).

No conto “Foram as dores que o mataram”, acompanhamos essa divisão das relações de trabalho quando a narradora relata “às vezes, ficava à janela meio escondida, vendo-o partir para o trabalho com a roupa que eu lavara e engomara” (SALÚSTIO, 2002, p. 17), marcando espaços distintos entre o homem e a mulher, e reforçando a ordem entre dominador e dominado. Por reconhecer esse estado de violência física e simbólica, a narradora usa do discurso direto para manifestar a que se dá sua reação “Não matei o meu marido. (...) Eu o amava. Por que matá-lo?” (SALÚSTIO, 2002, p. 17-18). A personagem feminina se redime da culpa de ter assassinado o marido quando transfere tal culpa as pancadas, as dores incomensuráveis, a extrema violência a qual era submetida, “eu o amava. Por que matá-lo?” (SALÚSTIO, 2002, p. 17-18). O trecho repetido no conto entre quase um parágrafo e outro, é evidenciado como uma reação dessa mulher a tamanho sofrimento.

Por fim, vemos a narradora acusando o marido na tentativa de autodefesa, argumentando que ao criar um espaço de violência extrema, o marido fora responsável pelo desfecho trágico de si mesmo. E que ela apenas reagira para defender-se de atos tão brutais, “ele matou-se. Criou um espaço onde coabitavam a violência, a destruição, a miséria, o animalesco. E nós. (...) Deu-me armas e fez-me assassina. (...) ...Depois ficou tudo escuro. (...) E o corpo a doer, a doer, a doer, a...” (SALÚSTIO, 2002, p. 18). Essa dor oriunda de um imenso descompasso de afetos estava agora, sobretudo, na personagem que com um ato de desespero matara o marido, ato explanado pela protagonista viver uma experiência assoladora de desamor.

É, infelizmente, como a narradora sem nome da história de Salústio, o cotidiano de muitas mulheres, uma vez que a violência de gênero é germinada nas desigualdades das relações de gênero, alicerçadas pelas vulnerabilidades sociais, econômicas e que empurram a mulher a enclausuramentos de dependências, tornando-as vítimas dessa cultura de opressão e que revela o modo de olhar a própria violência. Nesse mesmo sentido, Chimamanda Adichie aponta “Os nigerianos foram criados para achar que as mulheres são inerentemente culpadas. E elas cresceram esperando tão pouco dos homens que a ideia de vê-los como criaturas selvagens, sem autocontrole, é de certa forma aceitável” (ADICHIE, 2015, p. 40).

É essa cultura de abuso às mulheres e de impedimentos à sua própria emancipação que devemos rechaçar fortemente, dia após dia. As questões trazidas à luz pela escritora cabo-verdiana nos impulsionam a provocar mudanças nessas culturas, nas quais as mulheres são tão determinantes, mas que ainda não ocupam lugares desejados. Sobre isso, Chimamanda nos robustece: “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (ADICHIE, 2015, p. 57).

2.2 DA INFÂNCIA SONEGADA E SEUS ABANDONOS

Nos contos “Natal” e “Ele queria tão pouco”, Dina Salústio versa sobre histórias de abandono a partir dos olhos de quem nem sequer aprendeu a se defender: crianças. Na primeira história, temos um dos momentos mais marcantes do ano para o cristianismo: a comemoração do nascimento de Jesus. Com essa data, e a história de três meninos, que são observados pela narradora, em uma loja, quando desejam os brinquedos expostos, presenciamos abismos sociais. Pelas vestimentas dos meninos, a narradora compreende que os brinquedos não estariam em suas mãos famintas de sonhos, mas avista como eles são tocados pela alegria daquele instante de contemplação e desejosos de perpetuar o momento: “Não têm pressa. Não

pedem para serem atendidos. Os olhinhos passam de um brinquedo para outro e neles vejo o mesmo brilho dos olhos dos meus filhos.” (SALÚSTIO, 2002, p. 59). A imagem dos meninos contrasta com a dos clientes da loja a escolherem presentes numa ávida correria de consumo. Há aí o confronto quando estes deparam-se com as crianças no interior da loja, que, por exigência dos clientes, são convidados pela vendedora a se retirarem. A narradora sentindo por aqueles meninos e invadida por solidariedade e indignação, pensa: “Talvez o Natal passasse a ser mais humano, mais de compromisso (...)” (SALÚSTIO, 2002, p. 60). E vê, ao final do conto, na atitude dos meninos uma demonstração daqueles que não abrem mão de sonhar: “Tranquilamente, saem em busca de outras lojas de sonhos.” (SALÚSTIO, 2002, p. 60). Assim, a escritora derrama sobre os leitores inquietações penetrantes que questionam o verdadeiro sentido sobre o dia do nascimento Daquele que pregou amor e justiça social, devotando um olhar particular aos pobres, aos abandonados deste mundo.

Na segunda história, é também uma criança em situação de abandono abrigada em um lar para órfãos e com o desejo que nos revela o título “Ele queria tão pouco”. O garoto Picas que chegara àquele espaço sem referência de pai e mãe, com o passado que todos desconheciam, o menino com cerca de dez anos e tido como um dos mais rebeldes daquele lar, chamara a atenção da professora/narradora por sua incrível vontade de viver, de incessante luta pela sobrevivência e com as visíveis defesas em punho de provocações que escondiam vontades tão poucas. Em uma das aulas da professora, um comerciante da vizinhança a interrompe, irritado e acusando as crianças de furto de um rádio seu. Sem conseguir articular argumentos no exato momento da entrada intempestiva do acusador, a professora não reage, mas faz a promessa de entregar o aparelho se o encontrar. O olhar da professora, que narra, observa o quão preconceituoso e cheio de estereótipos é a visão sobre aquelas crianças dos sujeitos do mundo lá fora, como descrito no trecho:

Colérico, o homem Insultava-os, derramando toda a raiva armazenada contra os pequenos delinquentes que, volta e meia, se metiam com ele, mais para o enfurecer, do que para o roubar. Pelo menos não tínhamos conhecimento de nenhum roubo, na zona, que envolvesse os nossos rapazes. (SALÚSTIO, 2002, p. 25).

Com o passar dos dias, a professora tem uma revelação, vai à procura de Picas e encontra uma cena idílica, do menino e um rádio numa relação de ternura, “encontrei-o deitado à sombra da árvore, com a barriguinha nua para cima, o rádio colado ao ouvido, quieto, apenas o pé direito no ar, marcando um compasso que eu não adivinhava” (SALÚSTIO, 2002, p. 26). E por estar “(...) fartas de violências (...)” (SALÚSTIO, 2002, p. 26), não interrompe aquele momento mágico de uma criança e seu objeto de desejo, pelo contrário, deixa que o momento seja

prolongado, mesmo que os instantes a mais sejam tão poucos. É na fala do menino: “Eu queria um rádio só para mim — dizia enquanto o retirava para mo dar.” (SALÚSTIO, 2002, p. 26), ao abandonar o sonho tão pequeno ao devolver o objeto, que ele ganha a companhia e o olhar de cumplicidade daquela que imbuída de uma proteção materna escolhe sofrer as consequências consigo, “depois foi o castigo. Mas esse não doeu tanto. A nenhum dos dois” (SALÚSTIO, 2002, p. 26).

Com a presença de narradoras em primeira pessoa, na esmagadora maioria dos contos em *Mornas eram as noites*, a literatura salustiana nos oferece o ponto de vista feminino sobre as dores, o abandono, as mazelas, as frustrações dos desejos, a violência, vividas e sentidas pelas mulheres de Cabo Verde e as estendem a muitos outros lugares. Essas narradoras submergem nas histórias como um mergulho no mar e emergem na superfície descortinando com suas sensibilidades e experiências o que perpassam os textos de Salústio. Nesse sentido, elas nos recordam o que Walter Benjamin (1994) assegura sobre o narrador ao dizer que é aquele capaz de comunicar suas experiências, de dar conselhos. Para o filósofo da aura, as melhores narrativas escritas são as que mais se aproximam das histórias orais, contadas pelos narradores anônimos. Para Benjamin (1994), a narração tem de ter sempre uma função utilitária para ser verdadeira, que pode ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio, ou uma norma de vida, ou seja, o narrador é aquele que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1994, p. 198-200).

O filósofo alemão ainda explica que o conselho não é ter uma resposta pronta, mas apontar uma sugestão em uma história narrada. O conselho se transforma em sabedoria quando é tecido na substância viva da existência (BENJAMIN, 1994, p. 200). A escritora cabo-verdiana por meio de narrativas curtas, mas imbuídas de força, conhecedora de sua terra e das histórias, das gentes de seu país, coloca suas narradoras com um olhar carregado de subjetividade feminina para contar suas experiências vividas, para estabelecer lutas, proclamar gritos sufocados, demonstrar atos de empatia e assim procura compreender o universo dessas mulheres e seus percalços. Ao falar de Cabo Verde, Dina Salústio confirma e perfaz com sua escrita o que Benjamin argumentava:

Cabo Verde é ainda e também um pequeno espaço onde mora o mundo. Nós mulheres escrevemos sobre isso, escrevemos isto. De várias maneiras, com intensidades diferentes, de vários jeitos e em vários gêneros. Escrevemos com o corpo magoado, com o corpo humilhado, com o corpo abandonado, com o corpo maltratado. Também escrevemos com o corpo alegre, realizado, dançante e vitorioso. Em primeira pessoa. E mais: nós estamos a aprender a escrever, mas sobretudo estamos a colocar-nos no lugar da outra mulher e a aprender a ver do lugar onde ela se encontra e de onde ela

olha para nossa escrita a sua verdade não seja deturpada ou adaptada a outros interesses. (SALÚSTIO apud FREITAS, 2021, p. 123).

Dina Salústio marca sua literatura com questões próprias de representações femininas, fala com autoridade, pois é portadora de um discurso produzido com propriedade, com as experiências vividas e reconhecidas no outro, assim, vemos em sua literatura a condição feminina representada em muitas personagens e narradoras, dando-lhes vozes que afrontam as vicissitudes da vida, vozes que não cansam, vozes que tantas condições adversas tentam sufocar, mas que insistem em percorrer o trajeto da vida, porque sabem que a busca vale pelo trajeto, que o trajeto vale pela travessia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mornas (músicas) nas noites que Dina Salústio nos traz ressoam em nossos ouvidos, ressoam suas histórias, e nos revelam vozes das mulheres de Cabo Verde, vozes de mulheres pertencentes a outros lugares, porque são vozes que vão até o leitor e os instigam a pensar a condição de mulher e sua própria definição, são como reflete Silva (2021), “as vozes femininas presentes na escrita de Dina Salústio percorrem a intimidade cotidiana e forjam espaços nela. São gritos de mulheres que se desenham nas letras escritas. Vozes que existem e resistem, desvelam travessias da constituição de si (...)” (SILVA, 2021, p. 187).

São vozes de mulheres mães, meninas, amigas, professoras, esposas, são as personagens femininas salustianas que enfrentam ingrimidades em suas existências, e na multiplicidade desses discursos, ouvimos uma voz uníssona: a voz da força feminina. Para que como parece desejar a escritora cabo-verdiana dizer-nos que essa força, como manifesta uma de suas personagens, “enfrenta-O. Deus gosta de mulheres fortes” (SALÚSTIO, 2002, p. 8), é inerente à condição de mulher. Se o divino a reconhece, por que nós a negaríamos?

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todas feministas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DALCASTAGNÉ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Ed. Horizonte, 2010, p. 40-64.

FREITAS, Sávio Roberto de. Cabo Verde no feminino: a ficção curta de Dina Salústio. **Revista SOLETRAS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN**. Rio de Janeiro. N. 42, p.121-134, jul.-dez. 2021.

GOMES, Simone Caputo. **O Conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-verdiana**. Conto Interpolado. Ciclo de Contos. *Idioma*, Rio de Janeiro, n. 25, 2. 2012, p. 265-284.

SILVA, Cristina Maria da. Vozes Femininas na Literatura Cabo-Verdiana: Recordação e Escrita em Dina Salústio. In: SILVA, Agnaldo Rodrigues da; BRITO, Geni Mendes de; GOMES, Simone Caputo. (Orgs.). **Literatura e cultura de cabo verde: navegando pelas ilhas e pelo mundo**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021, p.187-204.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 15/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_8